

QUANDO SE ABRE UM DENTRO

Autor: GISELA AVOLIO

Parte do extraordinário do *projeto freudiano* é sua ética, que retornou iluminada pela leitura de Lacan em vários de seus seminários. Longe dos fins da moral tradicional que, na medida do possível instala o dever fazer, a psicanálise descobre em seu lugar o desejo como uma medida incomensurável, uma medida infinita que se lança no psiquismo de um modo no qual não há bem sem mal, ou sem sofrimento, e que elucida porque o hedonismo fracassa para explicar a mecânica desse desejo. Posto que o narcisismo e a ambivalência são as condições do aparato, o sujeito pode encontrar o Bem supremo no mal-estar.

Articulando homeostase e prazer, as zonas que darão lugar ao Eu vão se diferenciando ao ritmo em que são construídas, apoiadas na topologia dos conjuntos essa zona “exterior” (o *Lust*) que irá “ocupando” o Eu ao mesmo tempo que o intranquiliza ou o agita porque vai produzindo essa diferença entre o prazer purificado e o inassimilável do qual se desprenderá o *Unlust*. O esculpir desse não-eu é a consequência do que deixa pegada no Eu quando o funcionamento homeostático não consegue reabsorver completamente o objeto. É aí que encontramos o fundamento do que será o objeto hostil, a “Coisa”, *Das ding*. (Sem 7))

Essa intranquilidade não significa desaparecimento do aparato, ao contrário, é um cerceamento ou corte que engendra uma superfície virada para “fora” onde localizamos o sujeito com suas defesas a respeito do que há “dentro” (as representações, os afetos, as pulsões).

Tal concepção espacial reversiva do psiquismo nos mostra que o *Umwelt* e o *Innenwelt* contam com bordas muito sensíveis, tanto como para que se afirme que a realidade não é mais que psíquica. A partir daí o desejo e a fantasia são a estofa dessa realidade, e o mundo da percepção devém dessa alucinação fundamental sem a qual não haveria atenção alguma disponível.

Nessa topologia da subjetividade uma primeira captação da realidade se constituirá no núcleo do funcionamento do aparato, o *Nebenmensch*. Uma fórmula freudiana que articula poderosamente o marginal e o similar, a separação e a identidade.

O *Ding* será o elemento isolado nessa experiência, por sua natureza estrangeira, inclusive hostil, em torno do qual se organizará todo o andar do sujeito, isto é, um embasamento de orientação subjetiva que constituirá uma primeira escolha do modo de relação que o homem terá com a realidade {Sem 7} e que essencialmente implicará a rejeição ou não do apoio na ordem simbólica.

Tão estrutural e estruturante é essa instância do processo que por outro lado permite afirmar que essa “estimidade” {Sem 7} não aparece à primeira vista, mas sim com as paredes/palavras se contorna um vazio.

Esse “dentro” não está antes de um “fora”. Nem esse fora ganha existência enquanto não contiver um mundo de objetos ansiados que nunca serão encontrados outra vez.

Entretanto, uma idêntica topologia pode ser encontrada no mecanismo da negação “esta é uma divisão original da experiência da realidade [...] do interior do sujeito é levado na origem a um primeiro exterior” {Freud}, divisão que aparece na forma do “não”, sob o qual se apresenta essencialmente a repressão.

É possível entrever uma vez mais esta lógica: não há existência desse interior-exterior que não se desprenda de um ato psíquico, isto é, do julgamento de atribuição e também do de existência. Isso significa que é necessária uma função intelectual que, emergindo com a sustentação nas pulsões, dê ao pensamento um primeiro grau de independência.

“A negação como operação lógica, escreve Anabel Salafia “El Fracaso de la Negación” {...} comporta a afirmação da existência do objeto do qual se diz que ““não é o que é””. É aí, nesse ““não é o que é”... {e que} ... diz respeito ao fato de a negação ser uma operação de admissão do reprimido” {...} “Essa afirmação (*Bejahung*) se correlaciona com uma expulsão do elemento identificado como... não-eu {e que} é a condição da conformação de um primeiro exterior”.

Quando uma falha nesses tempos constitutivos impediu que as palavras esculpisse por via *de levar* as fronteiras de um vazio alguém pode não contar com a existência de um lugar próprio que o distancie do Outro com seu objeto.

Uma criança chega a um tratamento tendo passado seus primeiros anos de vida com dificuldades para aprender e compreender, mas fundamentalmente assediado pela sonorização do pensamento. A princípio se tratava de um ruído difuso (aludia a espadas que estavam sendo afiadas) que paulatinamente foi ganhando forma humana em um “chamado” cuja voz acéfala e vinda de um “fora” pronunciava seu nome e uma frase inconclusa que ele escutava em idioma estrangeiro.

À medida que o tratamento avançava esse “chamado” se intercalava com espaços de silêncio, ao passo que o murmúrio dos personagens dos jogos que imaginava faziam esgrima com a voz enigmática. Um tempo depois (talvez haja sido um momento de concluir), aquela frase sempre em suspenso capturou um significante que pôs um ponto de encerramento e, ao mesmo tempo, de abertura na significação (do falo). A criança relata alívio por “recordar” essa palavra e descobre que a frase (em idioma estrangeiro) ditava “alguém está zangado com você”.

Com apenas 10 anos de idade seu caminho foi a pergunta por que motivo isso poderia ser assim? Não tardaram em vir os companheiros dessa cadeia significativa e ele encontrou um argumento: o aborrecimento que em uma ocasião seu pai tinha sentido com ele quando era ainda menor. Então, uma intervenção do analista lhe propõe pensar que se essa sensação já não era anônima e estava em sua lembrança talvez a voz da insistência não viesse do lugar onde ele a situava (“fora”).

É aí que ele diz com estupefação uma formulação plena de lógica e com a qual aparentemente quase se dividiam as águas da generalização egoica: “eu não sabia que vinha de dentro de minha cabeça, eu pensei que vinha de fora”.

A frase que continha o símbolo da negação “eu não pensei que vinha de dentro de minha cabeça” precedeu aquela que em um segundo tempo admitia a existência do que “não” era o fora e que poderíamos fazer equivaler à emergência de um “dentro”, figurado para a criança no significante “cabeça”.

Justo aí parecia que se inaugurava um “dentro” ao mesmo tempo que um “fora”; uma “extremidade” que albergava a ressonância de uma voz (superegoica?) que podia se transformar em lembrança com esse ato. Uma voz “interior” que parecia que se aproximava mais de um ganho simbólico (como o que relata Freud em Mal-estar na cultura), do que de um retorno do real.

Estaríamos nos equivocando se acreditássemos que a análise fechou o círculo, que marcou suas fronteiras, que encontrou a última palavra. Porém, é possível afirmar que a Coisa que diz respeito à ética da psicanálise já está em função...

